



PROGRAMA

24, 31 out; 14 nov, 15h - 18h

Offside Paradiso #5

Performances, aprox. 45'

J. O. Câmbios por Maria José Pinto
(marcação – troca de moeda)

Consultar a assistente de galeria ou o artista por
934015668.

24 out, 17h

José Oliveira conversa com Cinthia Mendonça

1. *Offside Paradiso, #1*

José Oliveira com Albert Allgaier

Instalação com vinil sobre *plexiglass* acrílico,

relva artificial

Dimensões variáveis

3. *Offside Paradiso, #3*

José Oliveira com Eduarda Sá
Andresen, Francisco Babo, Gonçalo
Araújo, Joana Ribeiro, Kauê Gindri,
Leonor Parda, Nuno Ramalho, Sara
Rafael, Svenja Tiger, Rick Lins, Susana
Chiocca

Instalação ativada por performance J. O.
Câmbios, 45', de Maria José Pinto,

Offside Paradiso, escultura em tecidos, 3m
x 2,20m x 2,30m de Svenja Tiger, músicas
de Eduarda Sá Andresen, Francisco Babo,
Gonçalo Araújo, Joana Ribeiro, Kauê Gindri,
Leonor Parda, Sara Rafael, Rick Lins, Susana
Chiocca

AHO/Pós-produção, 2019, materiais: difusor
de aromas, essências místicas, feitiço, de
Nuno Ramalho

Móvel e estrutura em madeira

Dimensões variáveis

2. *Offside Paradiso, #2*

José Oliveira com A Leste

Instalação com livros cedidos pela A Leste,
duas publicações de autor, *Jornal Trabalho*
Vídeo *You'll never walk alone* (cor, 57"), 20
Móveis de madeira, plantas e relva artificial
Dimensões variáveis

4. *Patelas*

José Oliveira com Pedro Cardoso e
Susana Chiocca

Instalação com frigorífico com chocolates
Patelas e sumos e cervejas da Cooperativa da
Bicha das 7 cabeças
65cm x 45cm x 47cm

5. *Offside Paradiso, #4*

José Oliveira com Maria José Pinto

Instalação com matrecos, carpete, linóleo,
puffs e plantas
Dimensões variáveis

OFFSIDE PARADISO

José Oliveira

Com:

A Leste

Albert Allgaier

Cooperativa da Bicha das 7 Cabeças

Eduarda Sá Andresen

Francisco Babo

Gonçalo Araújo

Joana Ribeiro

J. O. Câmbios

Kauê Gindri

Leonor Parda

Maria José Pinto

Nuno Ramalho

Pedro Cardoso

Rick Lins

Sara Rafael

Susana Chiocca

Svenja Tiger

Curadoria: José Maia e João Terras



Direção | Manuela Matos Monteiro e João Lafuente **Direção artística |**
José Maia Curadoria | José Maia e João Terras **Texto crítico | João Terras**
Assistente de Galeria | Patrícia Barbosa e Vânia Cardoso

Exposição patente de 16 de out a 13 de nov 2020

Offside Paradiso

José Oliveira

Desde há muito tempo que o José Oliveira nos tem receado com o éden de uma arte por vir, constituindo fluxos outros para o sentido da criação e receção da matéria criada. Revirando o ecrã das imagens, dirigindo num mesmo sentido aquele que vê e o que dá a ver, procurando o contrapeso e a moeda de troca para as valências fortuitas deste mundo, ironizando, possibilitando, oferecendo, o artista têm esticado a sua ação até circunscrever de forma ampla a sua prática, numa deriva onde quase sempre o real habita de forma plena e não menos cruel sobre nós.

Quase sempre, habitar os seus lugares se torna numa ode ao vão sentido de nos questionarmos, tão vitalmente, para onde corremos e porque criamos.

Entre disciplinas, porque são ainda estas as únicas matérias possíveis ao artista para a construção de uma deriva do real, *Offside Paradiso* torna-se no novo lugar manejável criado no centro das especulações de José Oliveira. Lugar desviante, de novo o outro, a troca, a mão e a boca, o aprender e o fazer, o aprender e o olhar, o dar a ver e o trocar. Não será de mais insistir neste sentido binário da frase que projeta esse ver duplo de criar ao lado de.

Na obra de José Oliveira tudo se produz dessa reverberação do outro, numa projeção comunitária do seu olhar e que se plasma no centro desta instalação que nos acolhe.

Poderíamos sentir que o eco de tudo o que nos circunda se encontra sobre a natureza arrítmica destes videogramas montados em plano de cinema.

À mão de ver, o que observamos no ecrã são os dias da sua própria mãe. Tempo e espaço para assistirmos às derivas, aos caminhos,

avanços e recuos, procuras e concretizações de uma prática que se demonstra agnóstica aos pilares estruturais de um rumo liberal. À mão de ver, percebemos que é desse eco a reverberação deste lugar. Pelas relações melódicas que podemos tecer com o som-habitat - de tantos nomes - junto da escultura tecido de Svenja Tiger nas suas costas e que veremos receber o tratamento de corpo por parte da própria mãe. À mão de ver pelas relações diletantes do jogo ao fundo, no tabuleiro que leva o futebol à mesa e que recebe as mãos da mãe.

No futebol de mesa, assim como na massagem, tal como na leitura visual dos jornais de trabalho ao centro ou na biblioteca da A Leste que pausa por ler, estamos perante a figura diletante do humano, aqui sujeito a perceber porque para, porque joga, porque ali entra, porque ali vê. Tal como as mãos adormecidas e os movimentos esfingídeos das estatuetas dos matraquilhos, que representam um falso movimento de uma ação *in loco*. Já mais existirá aqui o incumprimento dessa maior lei de polémica do futebol. Estar fora do jogo, como fora do tempo. Complexas regras de arbitrar, estar fora de, implicando um espaço dentro e alguém que o defina. O éden de um lugar dessa natureza talvez seja o deste, o de não conseguirmos encontrar o sentido arbitral para nos obrigar a.

O corpo está sempre em jogo, dependente do jogador-espectador e espetáculo, aqui o que observa e joga, numa retórica de investimento que reverte o sentido econométrico da partida. “*You’ll always walk alone*” num sentido coletivo em declínio vertiginoso.

Estes espaços cambiais entre criação e real são ainda o lugar que diligentemente José Oliveira afirma como o lugar da arte. Centro de gravitação genuinamente real subtilmente camuflado por uma ficção escancaradamente habitável. Em vã memória, que a palavra não se esgota, ainda estamos nesta instalação de espera, fazendo do tempo de permanência o tempo que por cá nos valerá de troca.